

Milton dos Anjos Miranda Junior

Uma História na Literatura

Belém/2009

Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de História

Milton dos Anjos Miranda Junior

Uma História na Literatura

Este artigo é referente a disciplina
Historiografia da Amazônia, ministrada
pelo professor Dr. Fernando Arthur de
Freitas Neves. Utilizado como requisito
parcial avaliativo.

Belém/2009

Uma História na Literatura

Milton dos Anjos Miranda Junior*

RESUMO: O presente texto tem por objetivo fazer uma análise do livro “Hortência” do escritor, político e jornalista paraense Marques de Carvalho, a relação da obra com o momento histórico ao qual a cidade de Belém estava vivendo. Nesse período em que o romance se passa, sobretudo o maior objeto de análise é a implantação dos códigos de posturas municipais da intendência de Antonio Lemos que na obra estão descritos em segundo plano, porém sem deixar de se perceptíveis ao leitor mais atento.

Palavras-chave: códigos de postura, sociedade, literatura, civilização.

Os diálogos entre História e Literatura tem dado bons frutos, apesar da crítica de alguns historiadores que não vêem com bons olhos essa aproximação. A proposta que aqui surge não é fazer uma análise literária da obra, e sim fazer uma leitura através desta obra, do momento em que foi escrita e utilizá-la como um instrumento historiográfico e a literatura como acontecimento histórico, não e pretensão minha voltar a velhos debates sobre as delimitações entre história e ficção e o uso da escrita literária como “fonte” ou “documento” para o historiador¹. O que pretendemos é utilizar o que há de mais enriquecedor na relação entre história e literatura que é são suas aproximações e convergências entre as suas abordagens, sem que cada uma perca suas peculiaridades. E dando ênfase as suas aproximações, ambas trabalham com a narrativa e tem por outro lado critérios e regimes de verdade distintos².

A literatura constrói seu imaginário, sua própria realidade, sem estar ligada a referências reais ou a contextos. Assim, a literatura constitui de modo imanente sua própria situação comunicativa e constrói um discurso que institui uma verdade própria. Por outro lado, a estrutura social, os valores, as convicções políticas e culturais orientam os momentos de produção. E o autor, mesmo sob o impulso de uma ação criadora, não deixa de se orientar pelos padrões de sua época e sendo assim, escolhe também certos temas³.

O século 19 é o século da busca pela verdade segundo Hayden White, antes da Revolução Francesa a historiografia era considerada uma arte narrativa e sua natureza literária era geralmente reconhecida, o que fazia com que obras como de Michelet fossem analisadas tanto do ponto de vista científico como literário⁴. Para Dominik La Capra :

“distinções analíticas como as que são feitas entre história e literatura, fato e ficção, conceito e metáfora, sério e irônico etc., não definem esferas de discurso que caracterizam ou regem, de forma não problemática, os usos mais amplos da linguagem. Em vez disso, o que deveria ser visto como objetivo de indagação é a natureza das relações entre diferentes distinções analiticamente definidas no funcionamento real da linguagem”.⁵

*Graduando em História pela Universidade Federal do Pará.

¹ ARAUJO, Patrícia V.Lopes. História e Literatura: um diálogo possível. Professora de História Moderna e Contemporânea, Departamento de História, UEMG/ Campus Fundacional de Campanha.

² Idem.

³ Idem.

⁴ White, Hayden. As ficções da representação factual. In Trópicos do Discurso. S.Paulo. Ed. Universidade Estadual de São Paulo. 1994. P. 139.

⁵ Kramer.Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio literário de Hayden White e Dominik La Capra. In A nova história cultural.

Podemos enumerar uma dezena de obras que nos contam nas suas entrelinhas a história do mundo, do Brasil e neste caso um pouco da história do Pará, como *O queijo e os vermes* (1976) de Carlo Ginzburg, narra a história de um moleiro que após fazer algumas leituras diverge da doutrina da época em relação a assuntos ligados a igreja católica, por isso é chamado a depor no tribunal da inquisição e *O Cortiço* (1980) de Aluísio de Azevedo. O cenário de *O Cortiço* é o Rio de Janeiro do fim do séc. XIX, período do processo de modernização que acontece na cidade e no caso, mas particular *Hortência* (1888) de Marques de Carvalho, romance naturalista e urbano que narra “segundo explicações do autor, o fato que ocorrera em Lisboa e foi noticiado por um órgão da imprensa paraense, tendo ele apenas transposto a ocorrência para o meio belenense, emprestando-lhe cor local e personagens de acordo com o meio...” (Moreira, 1984, p18) em meio ao clima de fim de século e o início de importantes transformações na cidade de Belém que o romance se contextualiza.

O romance é publicado em 1888 meio a acontecimentos marcantes na vida social e política do Brasil e do Pará, com o fim do império e a grande pressão da Inglaterra sobre a escravidão no Brasil é assinado a lei áurea. Segundo Eidorfe Moreira:

“O clima era o do fim do Império, clima que tem no caso mera função cronológica. A cidade ainda não alcançara a Belle Époque, nem o auge da valorização da borracha, que tão profundamente modificaram o seu aspecto (...) em termos de progresso, Belém pouco avançara. Ainda não havia energia elétrica, os bondes eram puxados a burros e a iluminação a gás, figurando o gasômetro da Pará Gás Company com uma das poucas amostras de progresso em matéria e serviço público. Também ainda não fora instalado o serviço de abastecimento de água de modo que os aguaceiros avultavam na paisagem humana, com suas carroças e pipas d’água”.⁶

O romance nos permite uma percepção dos costumes, e dos códigos de postura que já norteavam a conduta social da época no trecho do mesmo texto supracitado temos a seguinte passagem:

“No que tange a usos e costumes, o quadro é sobremodo pitoresco: batuques, sambas e lundus, como também, por influencia portuguesa, “modas” transmontanias; açaizeiros ambulantes, com gamelas à cabeça, anunciavam o produto num pregão uniforme característico; vacas leiteiras, tangidas pelos donos

⁶ Moreira. Eidorfe. (Prefacio) In *Hortência*. Marques de Carvalho - .ed.especial – Belém:cejup/Secult, 1997.

ou seus empregados, atendendo os fregueses a domicilio; animais de tração ou não à solta nos logradouros públicos, etc.”⁷

A cidade precisava passar por serias transformações no seu aspecto urbano, precisava-se civilizar a população ainda com costumes coloniais, dar a cidade estatus de uma metrópole aos moldes franceses, modelo de civilização a ser seguido à época, para isso era preciso tomar algumas medidas para transformar os hábitos dos cidadãos.

Passados cerca de 180 anos da fundação de Belém as ruas ainda não tinham seu nomes fixados nas esquinas e as casa não tinha em sua maioria numeração ordenada, eis que logo esse providencia foi tomada. Em 1804 o Conde dos Arcos , então governador e capitão do estado, ordena que fosse escrito nas paredes das casas da esquinas o nome da rua em tinta branca e fundo preto, o mesmo deveria ser feito com a numeração das residências as quais deveriam obedecer a seguinte ordem do lado esquerdo uma seqüência numérica crescente e do lado direito a ordem continuasse de modo decrescente⁸.Em 1811 determinou que por onde não houvesse os nomes das ruas e travessas, fosse providenciado coloca-los e numerar de novo as casas e prédios, de forma que os números pares ficassem do lado direito e os pares do lado esquerdo “por este ser o método mais seguido entre as nações mais civilizadas”⁹.Sendo os gastos financiados pelo câmara da intendência municipal.A lei provincial de 5 de julho de 1841 faz uma nova mudança onde os números seriam dispostos do lado esquerdo 1,3,5,7,9,11 e do lado direito 22,20,18,16,14,12. Todavia, logo essa determinação foi mudada, em 15 de novembro de 1951 a câmara determina que os proprietários dos prédios numerassem suas propriedades conforme a ordem de 1811.

O código de posturas municipais de 7 de julho de 1862 determina que a numeração das casas seja feita do lado direito os números pares do lado esquerdo os impares , sempre de quem partisse do começo da rua. No ano de 1890 é contratada a firma Hamound e Cia. para executar os serviços de numeração dos prédios e designação dos nomes das ruas conforme estabelecia o código de postura de 1884, sobre placa de metal esmaltado com fundo azul e com algarismos em e letras brancas o serviço foi feito em 1891 e é o ainda hoje usado.¹⁰

As varias mudanças ocorridas nesse período eram motivadas pela busca de padrões civilizados e tomam seu corpo no governo do intendente Antonio Lemos o qual instaura um processo de urbanização e de hábitos sociais da população. Nesse sentido foram implantadas

⁷Idem. ibidem. Op.p. 12

⁸ Barata, Manuel. Formação Histórica do Pará. Coleção Amazônica – serie Jose Veríssimo – UFPA. 1973.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem .ibidem O.p

políticas públicas para saúde, urbanização e disciplinarização do espaço urbano a exemplo do forno crematório, do asilo Dom Macedo Costa, o Mercado de São Braz, a Praça da República que anteriormente era conhecida como largo da pólvora, obras estas que mudaram a paisagem e o comportamento da sociedade elitista que aqui se formava sob a égide da economia gomífera, impondo novas formas de socialização dos espaços públicos e privados sempre obedecendo a costumes e hábitos do velho mundo¹¹. Como descreve Euclides da Cunha da sua passagem pela cidade:

“Nunca São Paulo e o Rio terão as suas avenidas monumentais, largas de 40 metros e sombreadas de árvores enormes. Não se imagina no resto do Brasil o que é a cidade de Belém, com os seus edifícios desmesurados, as suas praças incomparáveis e com sua gente de hábitos europeus, cavalheiros e generosa – foi a maior surpresa da viagem” .¹²

A imagem de uma cidade moderna e civilizada vista por Euclides da Cunha nos faz pensar nos padrões de sofisticação da elite e os confrontos que a população vivia, dado a repentina mudança imposta pelos códigos de postura à população, que ainda respirava ares de colonialismo, e que e tomada de surpresa pelas novas medidas de civilidade impostas pela intendência. Lavadeiras, vendedores, tacacazeiras, cortiços, botequins, boêmios, feirantes todos esses personagens figuravam pelas ruas de Belém e contam através de suas histórias as transformações que a cidade sofreu ao longo de mais de 300 anos de história. Levando-se em consideração que medidas que foram tomadas no passado ainda refletem no cotidiano da cidade contemporânea.

¹¹ Para maior entendimento sobre as transformações do período ver SARGES. Maria de Nazaré. Riquezas produzindo a belle époque. Paka tatu. Belém. 2002.

¹² LACERDA. Franciane. Euclides da Cunha e a invenção da Amazônia. In FONTES, Edilza; BEZERRA NETO, Jose maia(orgs.). Diálogos entre história, literatura e memória – Belem ,Paka-tatu,2007.